



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Veracel Celulose S.A.**

Eunápolis – Bahia, 28 de setembro de 2005

Excelentíssimo Senhor governador do estado da Bahia, Paulo Souto,
Excelentíssimo Senhor governador do estado do Espírito Santo, Paulo
Hartung,

Embaixadora Margareta Winberg, embaixadora da Suécia no Brasil,
Embaixador Hannu Uusi, embaixador da Finlândia no Brasil,
Senhor Ivan Ramalho, ministro interino do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio Exterior,

Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,
Senhor Renato Guéron, presidente da Veracel Celulose,
Senhor Carlos Alberto Vieira, presidente do Conselho de Administração
da Aracruz Celulose,

Senhor Carlos Augusto Lira Aguiar, presidente da Aracruz Celulose,
Senhor Jukka Hämälä, presidente da Stora Enzo,
Senhor Gilberto Pereira, Presidente do Sindicelpa,
Funcionários e funcionárias da Veracel Celulose,
Senhores acionistas e diretores da Veracel, da Aracruz e da Stora Enzo,
Deputado Clóvis Ferraz, presidente da Assembleia Legislativa da Bahia,
Senhores deputados estaduais,
Senador Gérson Camata,

Senhores prefeitos Iedo José Menezes Elias, de Belmonte; José Robério
Batista de Oliveira, de Eunápolis; Cláudio Henrique Ferreira de Carvalho, de
Itapebi; Deldi Ferreira Costa, de Guaratinga; Jânio Natal Andrade Borja, de



Porto Seguro; José Ubaldino Alves Pinto, de Santa Cruz de Cabralia; Paulo Ernesto Pessanha da Silva, de Itabela; Zairo Jaques Pinto Loureiro, de Canavieiras; João Coser, prefeito da cidade de Vitória; Ademar Devens, da cidade de Aracruz; Carlos Robson, de Nova Viçosa; Jackson Lacerda Santos, de Alcobaça; Wilson Brito, de Prado; Neuvaldo de Oliveira, de Caravelas; Manoel Stringhini, de Guaíba; Guerino Balestrassi, de Colatina,

Meus amigos e minhas amigas.

Não é fácil dizer exatamente onde começa o futuro quando somos, ao mesmo tempo, agentes da sua busca e o resultado do percurso. Mas sem dúvida alguma, um novo ciclo de investimentos, como o que está em marcha hoje na economia brasileira, e do qual faz parte o projeto da Veracel, constitui uma parte dessa travessia. E ela ajuda a mudar a face da sociedade e a inaugurar um novo tempo para o nosso povo.

Na vida de uma Nação, as decisões de investimento funcionam como uma ponte entre dois mundos. Através delas uma geração condiciona o horizonte da que virá a seguir. Significa dizer que um grande ciclo de investimentos como este que o Brasil inicia, não gera apenas mercadorias, empregos, divisas ou impostos. Acima de tudo, o que estamos produzindo hoje é a sociedade de amanhã, o país no qual irão viver os nossos filhos, os filhos dos nossos filhos, e os netos que eles terão. Esse Brasil não pode mais ser a terra da desigualdade. E não o será.

É com esse critério que o BNDES está financiando uma parte importante desta e de outras plantas industriais em andamento na atual expansão da nossa economia. Neste caso, ele vinculou a disponibilidade de recursos a projetos sociais destinados a melhorar a qualidade de vida das populações em nove municípios sob a influência da nova unidade da Veracel.

Cerca de 21 milhões de reais foram destinados a obras de saneamento básico, capacitação de professores, reforma e ampliação de escolas, aprimoramento de infra-estrutura municipal e erradicação da hanseníase.



Reduzir a distância entre o Brasil de cima e o Brasil de baixo é uma questão essencial do nosso projeto de Nação. Sem ele, o crescimento se perde no cipoal da injustiça, se dilui no abismo da desigualdade e inviabiliza uma nova face do futuro.

Portanto, antes de ser uma equação técnica, o desenvolvimento de um país é a grande obra política e social de sua gente. Não há respostas automáticas, nem dos mercados, nem da natureza para as três grandes perguntas do desenvolvimento: desenvolvimento para quem, desenvolvimento para o quê e desenvolvimento como?

A principal vantagem comparativa de um país não está apenas no solo, na água ou no sol, mas está, verdadeiramente, nos compromissos compartilhados que definem a forma democrática e soberana como a sociedade vai explorar seu potencial de riquezas e produzir o bem-estar para todos.

O Brasil tem trunfos naturais inegáveis. Um eucalipto, em nosso clima, dá corte em sete anos, contra trinta ou quarenta anos, no caso de um pinheiro nos países nórdicos. No entanto, é importante lembrar: mesmo essa desvantagem natural não impediu que muitos desses países desenvolvessem uma poderosa indústria florestal contribuindo, assim, para colocar seus povos no topo do desenvolvimento humano do nosso planeta. Essa é a principal diferença entre uma Nação e uma colônia fornecedora de matéria-prima.

O Brasil tem oito milhões e meio de quilômetros quadrados e apenas 2% do mercado mundial de madeira e celulose. A Finlândia, cujo território equivale à metade do estado de Minas Gerais tem, sozinha, 8% desse mercado e reúne mais de 400 mil fazendeiros florestais.

O Brasil pode ampliar, e muito, a sua capacidade de produção, agregando valor às nossas riquezas florestais. Do mesmo modo, tem condições para ser um dos maiores fornecedores de combustíveis renováveis do século XXI através do álcool e do biodiesel.



É preciso investir e conquistar mercados, como estamos fazendo, mas sobretudo, é necessário que os nossos trunfos naturais e econômicos ganhem cada vez maior legitimidade como alavanca de reconciliação do mercado com o meio ambiente e com a justiça social. O Brasil já dispõe de instrumentos para sanear essa dinâmica área na floresta.

O Plano Nacional de Florestas, enviado ao Congresso Nacional pelo governo federal prevê, simultaneamente, o incentivo ao plantio, à proteção às matas nativas e à incorporação de milhares de pequenos e médios produtores à atividade florestal lucrativa. A orientação que demos ao BNDES consiste em vincular novos financiamentos ao setor de papel e celulose a um compromisso empresarial com a expansão de pequenos e médios fornecedores de florestas plantadas. Não se trata de utopia, mas de um mercado pujante em todo o mundo.

Quando lançamos esse programa em 2003, o Brasil plantava anualmente 320 mil hectares de madeira, menos de 8% desse total em pequenas e médias propriedades. Hoje superamos a meta de plantio para 2007. Estamos agregando 520 mil hectares por ano ao estoque nacional de florestas plantadas revertendo, assim, o apagão madeireiro herdado nos anos 90, que alimentava o saque contra nossas florestas nativas. E, o que é mais importante, 19% do plantio agora acontece em terras de pequenos e médios agricultores, o que nos leva a dobrar a aposta.

O nosso objetivo é chegar a 2007 com 30% da oferta de madeira sob a responsabilidade de pequenos e médios produtores. O que esses números mostram é que não se pode demonizar nem endeusar previamente as janelas abertas pelo mercado. O grande desafio, na verdade, é democratizar os acessos e multiplicar as oportunidades. Essa é a referência que tem guiado nosso governo na grande retomada do desenvolvimento nacional.

O Brasil começa a viver, neste momento, um dos mais promissores ciclos de investimento dos últimos 20 anos. Sob todos os aspectos, trata-se de



uma dinâmica diferente daquela observada nos anos 90, quando o país não conseguia pagar suas contas, não gerava empregos, a produtividade crescia à base de demissões e não havia expansões das exportações nem da demanda interna. Hoje, o que se assiste é um aumento simultâneo, tanto da produção como do nível de emprego, que cresce 12 vezes mais do que a média mensal dos anos 90. A produtividade industrial atingiu, este ano, os maiores índices desde 1996. As exportações crescem 23% na média diária dos embarques. O financiamento do BNDES para a compra de máquinas e equipamentos de fabricação nacional deu um salto de 69% no primeiro semestre. E o crédito ao consumo cresceu 36% nos últimos 12 meses. Exatamente por isso, 59,6% das nossas empresas vão investir, este ano, 18% a mais, em termos reais, do que no ano passado.

Não chegamos a essa fronteira do futuro por obra e graça de automatismos de qualquer espécie. O Brasil não mudou de tamanho, nem o sol brilhou com mais intensidade nos últimos anos. O que mudaram foram as prioridades e a decisão de fazer o país crescer, gerando empregos, inclusão social e distribuição de renda. Nós sempre dissemos que um país em construção como o nosso não pode contrapor a produtividade à justiça social, nem o crescimento econômico à preservação do meio ambiente. O Brasil precisa competir e distribuir riqueza ao mesmo tempo e com igual intensidade. Este é o caminho que nós estamos construindo e que, certamente, iremos consolidar.

Meus amigos, diretores da Veracel, diretores da Aracruz, da Stora Enzo, acionistas da Veracel, convidados para este evento, governador Paulo Hartung, governador do estado da Bahia, senadores, deputados estaduais, este é um momento que me deixa extremamente otimista. Otimismo porque o investimento de 1 bilhão e 200 milhões de dólares no Sul da Bahia para produzir celulose, dá a exata dimensão do grau de confiança que investidores brasileiros e estrangeiros tiveram na condução do nosso país.



Esse dado é extremamente importante e acho que vocês, ao conhecerem o Brasil melhor, certamente irão investir mais, não apenas na Bahia, mas em outros estados da Federação, porque está acontecendo um fenômeno interessante no Brasil que os brasileiros devem estar acompanhando pela imprensa, mas os estrangeiros não. O Brasil está vivendo um ciclo virtuoso na sua economia. Os empresários estrangeiros podem pesquisar para descobrir há quanto tempo nós mantínhamos, no Brasil, um ciclo de acontecimentos de coisas tão importantes, acontecendo todas ao mesmo tempo. Os empresários brasileiros sabem que, há algum tempo atrás, quando o Brasil decidia exportar, concomitantemente o Brasil decidia sufocar o mercado interno. Os empresários brasileiros sabem que, toda vez que o Brasil decidia crescer, ele só crescia com inflação alta, porque era essa a visão que tinham os homens que trabalhavam a economia brasileira.

Há muitos anos o Brasil não tinha um ciclo em que, ao mesmo tempo em que você tem crescimento econômico, você tem crescimento das exportações, você tem crescimento das importações, você tem crescimento do crédito, você tem crescimento da poupança interna, você tem crescimento do crédito ao consumidor, você tem crescimento do superávit de conta corrente, você tem diminuição da dívida em relação ao PIB, você tem diminuição da inflação, você tem crescimento de salário e diminuição do custo de vida. Esse conjunto de fatores positivos que estão acontecendo na economia brasileira e, certamente o governador Paulo Souto e o governador Paulo Hartung, como estudiosos, sabem que há muito tempo isso não acontecia no Brasil, e está acontecendo por uma única razão: nós estamos deixando de fazer, no Brasil, a política de curto prazo, a política pensada apenas até a próxima eleição, a política pensada apenas no próximo mandato, a política pensada apenas para um partido político. Nós estamos pensando, como eu disse no meu discurso, um país para os nossos netos, para os nossos filhos, para os nossos bisnetos. Um país que entre definitivamente no rol dos países desenvolvidos, em que a



política econômica seja blindada com relação à pequenez política que, de vez em quando, acontece no nosso país. Que a política econômica seja elaborada pensando na nova geração e não pensando na próxima eleição.

Há muito e muito tempo a indústria brasileira não tinha um surto de crescimento como está tendo agora. E o que é mais importante, que alguns se assustam, é que estamos crescendo as exportações e aumentando as importações de máquinas e bens de capital, numa demonstração de que a indústria brasileira está acreditando no futuro e está investindo agora, para que não seja pego de calça curta, como aqueles pacotes que nós já tivemos na história do Brasil. E todos se lembram que a economia brasileira era feita por pacotes; entrava um ministro da Fazenda, ele já queria bolar o seu pacote e já lançava. Era o plano fulano de tal, era o plano sicrano de tal, era o plano com o nome do presidente, ou seja, acontece que, todos eles, não tiveram longa duração. E todos eles, ao terminarem, as empresas estavam mais pobres, os empregados mais desempregados e a sociedade brasileira mais pobre.

Eu tenho dito, todo santo dia, que este país não vai jogar fora a oportunidade que nós construímos de dar ao Brasil a chance definitiva de sair do rol dos países em desenvolvimento e entrar definitivamente no rol dos países desenvolvidos. Para isso, é necessário que haja confiança como essa que vocês demonstraram, ao fazer este investimento da Veracel, aqui, no sul da Bahia. Para isso é preciso que haja uma combinação de interesses de empresários brasileiros, governo federal, estadual, municipais, mas, sobretudo, com o convencimento de empresários estrangeiros, para que tenham aqui no Brasil a oportunidade dos investimentos, utilizando-se possivelmente da classe trabalhadora mais criativa do planeta Terra, utilizando-se de uma classe trabalhadora de alta competência e com um aprendizado extraordinário.

Porque o Brasil não vai permitir que aconteça conosco o que aconteceu no século XIX e no século XX. A Europa tirou proveito de uns, os Estados Unidos tiraram proveito de outros. E nós não iremos permitir que o Brasil



atravesse mais um século sendo um eterno país em desenvolvimento, o país do futuro. A vez do Brasil é agora, e não depende de ninguém, depende apenas de nós e depende de exemplo como este que a Veracel implantou, aqui, no Sul da Bahia.

Muito obrigado, meus parabéns e boa sorte!